

Sumario:

La experiencia de las Escuelas Bíblicas para Jóvenes viene siendo desarrollada, desde hace algún tiempo, por la Pastoral Juvenil de Brasil. Las Escuelas Bíblicas nacen con el deseo de ser para la juventud un espacio de encuentro con la Palabra de Dios, leída a partir de su propia realidad. En ellas, los jóvenes van construyendo un modo joven de leer la Biblia y de hacer teología. Lo que la Palabra provoca en un adulto es diferente de lo que provoca en un joven, porque las experiencias que están viviendo son diferentes. La Pastoral Juvenil debe, por tanto, esforzarse por garantizar una formación bíblica sistemática para la juventud.

Os (as) jovens e a Bíblia

Vanildes Gonçalves dos Santos

Licenciada em História. Asesora de la Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU) de Goiânia. Miembro del Equipo de Coordinación del Proyecto Escuelas Bíblicas para Jóvenes del Regional Centro-Oeste de Brasil. Brasileira.

E-mail: vanildes@bol.com.br

1. A palavra se fez carne e acampou entre nós (Jo 1,14)

É *isso aí gente, agora é hora de fazer acontecer a Palavra que estudamos nestes dias*”. Este foi o recado de Suely Capel e Walderes Brito, no domingo à tarde, ao final de uma etapa de estudo sobre a História do Povo de Israel, referente à vivência no Tribalismo, a partir dos testemunhos posteriores registrados, principalmente, nos livros de Josué e Juízes. A assessora e o assessor disseram isso e lá se foram os(as) jovens, motivados pela Palavra Sagrada, olhar de perto a Vida Sagrada do Povo que, hoje como antigamente, luta para conquistar seu pedaço de chão, sua “Terra Prometida”, vivendo situações semelhantes às do povo hebreu, em constante e árdua busca de vida digna, na mesma esperança e na mesma fé.

Entre aquela etapa que terminava e a etapa que aconteceria dois meses depois, os(as) participantes da Escola Bíblica para Jovens, da Casa da Juventude Pe. Burnier, deveriam aprofundar o estudo realizado, convivendo com pessoas e comunidades que enfrentam, na atualidade, lutas semelhantes às que o povo hebreu enfrentou 1200 anos antes de Cristo. Os(as) jovens acolheram o convite e partiram em direção a vários assentamentos e acampamentos de trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra, presentes nos municípios de Goiânia, Cidade de Goiás, Itaberaí e outros municípios do interior goiano. Alguns jovens ficaram apenas algumas horas; uns passaram um dia e outros(as) chegaram a ficar semanas inteiras ouvindo e convivendo com homens e mulheres, idosos, jovens e crianças que são protagonistas da luta pela terra nesta região.

86

Quando voltaram para a etapa seguinte da Escola Bíblica, os(as) jovens sentaram em círculo, sob uma tenda armada com fitas coloridas e foram contando uns para os outros, umas paras as outras, como Deus havia lhes falado na experiência vivida junto aos sem-terra.



Antes alguns deles(as) já haviam escrito para a Casa da Juventude:

- “Nesses últimos dias, tive a grande oportunidade de conviver com um grupo de pessoas do acampamento São Jose do Ferreirinho, onde pude perceber os eternos laços de herança entre o povo do 1º Testamento e a nova geração do Povo de Deus, na caminhada pela conquista da terra, hoje. É fácil entender as grandes alegrias e frustrações que o Povo de Deus viveu, porque vi pessoas que estão na mesma caminhada, sofrendo as mesmas injustiças e lutando pela mesma causa. [Ouvi de um sem-terra:] *“Não queremos nada que não seja nosso, não somos ladrões ou ladras, apenas lutamos pelo que nos é de direito.”* (Girlyade Costa Silva, 22 anos).
- “Das coisas que escutei, muitas chamaram minha atenção, mas gostaria de destacar uma conversa que tive com Elismar e Meire, lideranças de um acampamento que tem 450 famílias. Eles estão, há quase um ano e meio, vivendo embaixo de barracas feitas com lonas plásticas pretas, sob o clima escaldante de Goiânia, que conjuga temperaturas de até 40º com umidade relativa do ar abaixo dos 20%. O acampamento está montado em frente ao órgão do Governo responsável pela Reforma Agrária (INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), para pressionar a desapropriação de uma fazenda e fazer o assentamento definitivo das famílias. Perguntei: “Elismar, qual é o seu sonho?”. E ele me respondeu: *“É ganhar a terra e acordar em um mundo melhor”*. “E você, Meire?”. *“Meu sonho é dar uma vida digna para minha filha”*. Continuei perguntando para ela: “O que é dignidade pra você?”. *“É comer bem e não ver o outro passando fome”*. Meire falou também outras coisas muito interessantes: *“É mais fácil pobre ajudar pobre, do que rico ajudar pobre; querer nem sempre é poder; agradeço a Deus por estar viva”*. Esta foi uma experiência bastante marcante para mim. Abre nossos olhos para repensar nossas atitudes a respeito destes movimentos que estão na luta e para perceber qual é o nosso papel na sociedade, o que podemos fazer, enquanto pessoa, para a melhoria da vida” (Wellington Rodrigues Barros, 22 anos).



Estes e muitos outros depoimentos iam sendo iluminados, durante a partilha, com a leitura orante do livro do Deuteronômio (11,10-21), indicada para ser refletida e rezada durante as visitas aos acampamentos. Os(as) jovens também partilharam a força que essa Palavra teve para melhor acolher o que eles/elas viam e ouviam:

- “Fazendo a leitura orante do texto do Deuteronômio, prendi-me a uma frase que dizia: *“Plantavam e regavam com os pés”*. Depois de ter feito a experiência de escutar o livro da vida, entendi um pouco mais o que significa trabalhar na terra, cultivá-la, mas não ter direito sobre ela. No texto plantava-se sem tocar a terra com as mãos, na história de hoje o povo trabalha e, na maioria das vezes, não pode comer os frutos da terra. É novamente o faraó fazendo uso da mão-de-obra escrava” (Maria Izabel Machado, 21anos).

Nos escritos e nas partilhas dos(as) jovens tudo vai se misturando, como os fios tramados pelo tear das artesãs da nossa gente: povo, terra, Bíblia, sonhos, medos, coragem, luta, descrença, esperança... Luzes e sombras. E o refrão vai sendo entoado, como melodioso mantra: *“Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça: Deus nos conduz”*. Neste caminho de misturas, nesta tecelagem de experiências, vai se revelando, na vida e na Bíblia, a história do Povo de Deus, de todos os tempos e de todos os lugares. Ao mesmo tempo e no mesmo movimento em que o Povo de Deus se revela, revela-se também o Deus do Povo, como disse uma jovem:

- “Quando parti para essa experiência no assentamento, fui tentando enxergar os diversos rostos de Deus e, lá chegando, pude ver o rosto da Margarida, da Lúcia, do Marinho, da Luzia, do Celso, da Rosa, do Sebastião, da Beth, do Belarmino, da Benedita (que pertence a uma Igreja Evangélica), da carmelita, da Patrícia, do Divino, da Maria, de outros e de outras. Para mim, todos aqueles rostos são verdadeiras expressões de Deus” (Fernanda de Sousa Reis, 22 anos).

A vida é como a Bíblia, onde tudo é resultado da mistura de vida com fé e ousadia. Na Escritura Sagrada a esperança transborda, hora em forma de salmos, hora em forma de poemas de amor; hora

em gestos de cuidados com as pessoas, animais, com a terra, ora em forma de virulentas maldições. Assim também é a vida da nossa gente que, quando lida à luz da fé e da justiça, faz a dor e a alegria entrarem pelas entranhas e gestarem poesias e súplicas. Foi exatamente isso o que aconteceu com uma jovem poetisa da Escola Bíblica, em sua experiência de convivência com os sem-terra:

Caminhando fui,
 ao encontro daqueles e daquelas
 que há muito tempo tenho ouvido falar.
 A surpresa tomou conta de mim,
 ao avistar, não tão longe, o acampamento.
 Pequenos barracos, de lona preta, bambu rachado e pano.
 Meu olhar não apreendeu tudo o que ali constava.

Fui caminhando e me encontrei:
 crianças correndo pelo asfalto molhado,
 a fumaça dos pequenos fogões que retratavam uma realidade:
 “Temos fogão a gás, mas não temos dinheiro”.
 Enfim, me encontrei ao caminhar.
 Vi o sofrer, o agir, o sonhar.
 Experimentei no olhar e na fala:
 a acolhida, o carinho de Deus que ama os(as) pequeninos(as).
 Tantas vidas, um só sonho: A Terra Prometida,
 Terra esperada, que gera vida.

De fato, hoje me encontrei com os Sem-Terra,
 gente humilde, simples, que me ensinou muito.
 Muitos me deram, presentes valiosos.
 E agora sonho junto com eles
 Que o Senhor nos ajude neste caminhar! Amém.

Márcia Gonçalves Pimenta, 26 anos.

2. “Agora vão e anunciem a todos(as)”

A Palavra nos interpela tanto e tão profundamente que faz o coração arder e desejar que outras pessoas também possam

experimentar o seu sabor que transformou as nossas vidas. Foi o que aconteceu com dois grupos de São Paulo que, durante dois anos, enfrentaram viagens de cerca de 1.200 quilômetros, a cada dois meses, para fazer a experiência da Escola Bíblica para Jovens, da Casa da Juventude de Goiânia: Pe. Arnaldo Carvalheiro e nove jovens da Diocese de Araçatuba; e também Pe. Raimundo Aristides da Silva e os jovens, Dirce Oliveira e Jéferson Rodrigues, da Diocese de Osasco. Depois de fazerem a experiência da Escola Bíblica da Casa da Juventude, cada um desses grupos organizou uma Escola Bíblica para os(as) jovens das suas regiões de origem.

Os(as) jovens de Araçatuba têm suas vidas duramente marcadas pelo trabalho nas fábricas de calçados, de onde tiram o sustento para si e para suas famílias. Trabalham muito e ganham pouco, quando não padecem longos períodos de desemprego. Para superar a falta de recursos financeiros, eles organizam rifas, bingos, festas e outros eventos, junto com os grupos da PJ (Pastoral da Juventude) e já estão, há dois anos, fazendo acontecer a Escola Bíblica para Jovens, acolhendo 50 participantes, vindos de diversas comunidades da diocese. Processo semelhante a este já havia acontecido em Porto Nacional, Tocantins (1996) e em Brasília, Distrito Federal (1997). Desse modo, a Palavra vai deixando sinais de libertação e de ousadia na vida dos(as) jovens e de suas comunidades, como tem feito, aliás, com os hebreus errantes pelo deserto, com as comunidades das catacumbas, e com muitos outros grupos ao longo de toda a história do Povo de Deus.

3. Que efeito tudo isso tem na vida dos jovens?

Esta experiência de refletir, rezar, desconstruir e reconstruir os conceitos que temos da Vida e da Bíblia vai, aos poucos, fazendo com que os olhos dos(as) jovens vão ganhando nova luz: eles/elas percebem o valor que têm; começam a mudar a perspectiva e a lutar pelos seus direitos como trabalhadores(as); revigoram a batalha pelo estudo e por muito outros direitos. Entre os participantes e ex-participantes de Escolas Bíblicas para Jovens é significativo o número dos que estão se organizando para ingressarem na universidade. Num país em que apenas os ricos têm acesso ao ensino superior,

essa mudança de atitude dos(as) jovens empobrecidos é muito relevante. Até anos bem recentes, a juventude das comunidades não tinha se dado conta que o estudo acadêmico é fundamental para a vida das pessoas e para o empoderamento dos pobres deste continente de tantos excluídos(as).

Quando uma experiência de fé é feita com seriedade, levando em conta a vida e a realidade das pessoas, numa convivência fraterna de estudo e oração da Palavra, vai-se criando relações novas com as pessoas e com Deus e isso vai dando a certeza de que *“um outro mundo é possível”*, como têm reiterado as milhares de pessoas que participam do Fórum Social Mundial. Essa é a utopia do Reino de Deus que, no cotidiano, vai virando sabor na boca, no corpo e na vida.

E a Palavra não pára, continua seu percurso. É como a chuva que desce, fecunda a terra e volta, deixando-a grávida de mais vida, como poetizou o profeta Isaías. Assim como a chuva que, ao penetrar a terra deixando-a fértil, a Palavra vai nos fertilizando. Ou ainda é como a mulher grávida: quanto mais a vida vai crescendo dentro dela, mais seu ventre vai se alargando, esticando, ampliando. É a vida querendo mais espaço! Assim também acontece quando nos deixamos engravidar pela Palavra. Ela vai nos abrindo para a vida e para o respeito desta vida que se manifesta nas diferentes pessoas, nas distintas culturas e nas diversas experiências de fé.

Nesta perspectiva da vida que alarga os ventres, pedindo passagem, conto uma boa notícia para vocês anunciada pela Luciana Vitor (26 anos), uma jovem negra, professora na periferia do Distrito Federal. Ela fez a experiência de Formação Bíblica na Escola de Jovens em Brasília, nos anos de 1998 a 2000. O que é mais deslumbrante e encantador em Luciana é que ela fez com que alargássemos o nosso olhar para ver uma imagem mais ampla e mais colorida de Deus. Luciana faz parte da Comunidade Espírita e, depois do contato com a Escola, conhecendo mais profunda e criticamente a Bíblia, ela testemunha um amadurecimento na sua fé. Sentiu-se mais desafiada, crente e apaixonada pela vida e, por isso, disse “sim” ao chamado que recebeu para levar a outros(as) membros da sua comunidade este jeito de ler que ajuda as pessoas a se libertarem. Luciana assumiu

a formação bíblica na sua comunidade espírita e como ela mesma disse: “É maravilhoso tudo o que o Senhor tem feito na minha vida, na minha história, a partir dos estudos, das reflexões, das orações, das relações e dos cuidados que as pessoas têm umas com as outras nas Escolas Bíblicas para Jovens”.

4. Bíblia é vida

Falar da Bíblia é falar da Vida e da história de um povo que, num tempo e num espaço, fez uma experiência de fé com o transcendente. Desconsiderar isso é fazer uma leitura da Bíblia que não ajuda a iluminar a nossa vida, nem torna forte a nossa fé. “*A Bíblia é a História do Povo de Deus e a História do Deus do povo*”, diz o nosso querido Frei Carlos Mesters, um dos criadores deste jeito de fazer leitura popular da Bíblia na América Latina. Uma leitura que tem opções claras e é dirigida a quem quer ler a Bíblia para libertar e não para oprimir as pessoas. Para aproximá-las de Deus, estabelecendo uma relação de amor, e não para deixar o povo numa relação de medo e submissão diante de Deus e dos poderosos. Afinal de contas é para a liberdade que fomos chamados(as) (Gl 5,13).

Quando se pensa em fazer um trabalho de formação bíblica com a juventude, o mais importante é considerar a realidade dos(as) jovens e acreditar que eles e elas podem fazer a leitura do texto bíblico, com seu jeito, seus sonhos, seus desejos irreverentes de mudança, seus dramas, seus ritmos, e que são capazes de produzir uma interpretação absolutamente original, quando se perguntam pela Boa Notícia que o texto traz para sua vida e para a vida da juventude e quando percebem as respostas que vão surgindo para as suas indagações.

Uma formação bíblica que considera isso está em plena comunhão com o que acredita a Pastoral da Juventude Latino-americana, quando afirma que os(as) jovens são protagonistas da história, junto aos seus semelhantes, na tarefa de participar da construção da “Civilização do Amor”. Ação feita por eles e para eles. Acreditamos que a leitura da Palavra também deve ser protagonizada pelos(as) jovens, para que eles(as) sejam agentes da construção de uma nova e profunda relação com o transcendente.

Infelizmente ainda há muitos subsídios e cursos de formação bíblica para a juventude nos quais este protagonismo juvenil é ignorado. Neles tudo está pronto e acabado, inclusive as interpretações dos textos. Os(as) jovens devem apenas “consumir” passivamente. São objeto e não sujeito da formação bíblica. É comum encontrarmos jovens repetindo os discursos antigos sobre a Bíblia, sobre Deus, coisas que no fundo não são deles, mas são de pessoas adultas e das instituições que foram se cristalizando como “a verdade”, ao longo do tempo.

O desafio da formação que estamos tentando fazer junto com os(as) jovens é justamente despertá-los e, muitas vezes, desinstalá-los para que sejam eles(as) que façam a leitura da Sagrada Escritura e que reconstruam essa leitura a partir dos seus sentimentos, dos seus sonhos e das suas necessidades. O que a Palavra provoca em um adulto é diferente do que provoca em um jovem, porque as experiências que estão vivendo são diferentes. Portanto a Boa Nova captada por estes dois grupos também é diferente. Nem melhores nem piores, porém diferentes.

É claro que para esse novo jeito de aproximar os/as jovens da Bíblia é necessário uma metodologia que possibilite fazer bem o caminho. As Escolas Bíblicas para Jovens que temos realizado têm trilhado um caminho que permita isso.

5. Mas onde, quando e por que começaram as escolas bíblicas para jovens?

Bem, esta modalidade de Escolas Bíblicas é algo que existe há muitos anos no Brasil, o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos), para fazer a formação bíblica com os(as) agentes das comunidades de diversas igrejas, foi desenvolvendo este jeito de fazer a formação em etapas e chamou de escolas.

A Casa da Juventude Pe. Burnier (CAJU), que tem como prioridade realizar uma ação de Formação Integral junto à juventude, fazia já alguns anos cursos de bíblia para jovens, entre eles, me lembro de um que assessoramos juntos (Walderes Brito e eu) que se

chamava: Como usar a Bíblia nas reuniões do grupo de jovens? Nos dedicamos horas de preparação para este curso, que foi considerado importante na avaliação dos/as jovens participantes, porém eles/as nos deixaram inquietos porque disseram que o curso foi bom, mas “*nós estamos afim de algo mais consistente*”.

A partir disso a CAJU iniciou uma sondagem junto à Pastoral da Juventude do Regional Centro-Oeste do Brasil, região onde a casa da Juventude está localizada e presta serviço de Formação à juventude. A Casa da Juventude então começou a perceber que o desejo de ter uma formação bíblica mais profunda e sistemática, era uma necessidade sentida por muitos/as jovens nos grupos e em outros trabalhos desenvolvidos nas comunidades, porque o instrumental que mais era utilizado para reflexões nos grupos era a Bíblia, porém, não era nada fácil para os/as jovens coordenadores(as) e assessores(as) desenvolverem este trabalho com a Palavra, uma vez que sentiam que não tinha bagagem suficiente para isso. Daí corria-se o risco de fazer da Bíblia apenas um instrumento para dar lição de moral nos/as jovens. O que faz com que muitos(as) não tomem gosto pela leitura de um livro sagrado que só os(as) reprimem, diz o que pode e o que não pode e ainda tem que ser respeitado. Então o que fazer diante desta realidade?

Esta preocupação não estava só em âmbito regional, mas também Nacional. A Pastoral da Juventude do Brasil – PJB, em sua 11^a Assembléia Nacional, organizou uma pesquisa com os grupos de jovens de todas as regiões do país para verificar as necessidades maiores dos grupos. Nas avaliações feitas pelos grupos de jovens em todo o país também constatou esta necessidade de uma melhor formação bíblica para jovens. Considerando isso a PJB fez seu Plano Global de Formação e Ação para os anos seguintes e apontou em seu programa de Espiritualidade, investir na criação e ampliação de projetos de Formação Bíblica para Jovens.

94

Constatada a realidade, as necessidades e os desejos, algumas pessoas da CAJU iniciaram uma reflexão sobre a *possibilidade de realizar uma Formação Bíblica Sistemática para Juventude*. O primeiro critério a ser discutido foi: *tem que ser uma leitura feita na ótica dos(as) jovens*. Queremos uma leitura que os(as) despertem



para a relação de intimidade com o Deus que se revela na história do Povo da Bíblia e na nossa hoje, de maneira orante e comprometida com a realidade dos(as) empobrecidos(as).

Então logo veio à cabeça a experiência do CEBI, que lê a bíblia a partir da realidade dos empobrecidos e faz esta leitura comunitariamente. É isso, vamos fazer uma Escola Bíblica para Jovens. Mas o que iria diferenciar e dizer que era uma Escola para Jovens? Primeiro é claro que o público já marcava a diferença, deveria ser os (as) jovens das comunidades e seus(as) assessores(as). Outra coisa que deveria caracterizar a escola era *ter o rosto, o estilo, o jeito jovem de fazer as coisas*, e nós sabemos que para isso não basta apenas juntar um monte de jovens e pronto já é o jeito jovem de fazer. Tem muitos trabalhos feitos por aí para a juventude, que os(as)jovens são somente público, mas não são eles(as) que fazem as coisas, não são protagonistas.

Foi ai que surgiu a idéia de unir, fazer um “casamento”, de metodologias. Do CEBI que tem o jeito de fazer a leitura que desejamos e a Pastoral da Juventude que há tanto tempo trabalha com a juventude e em seu jeito de fazer os(as) jovens é quem são os protagonistas, e que tem ao longo de sua caminhada investido numa metodologia que considera a realidade, a beleza através da arte (teatro, dança, música, ritmo...) que os(as) jovens gostam e fazem tão bem. Pronto! Estava nascendo uma parceria entre o CEBI e a PJ. Agora era só pensar o conteúdo, a convocação dos(as) jovens, e quando começar.

Depois de algumas reuniões para conversar sobre a definição dos objetivos, do conteúdo, da metodologia, da forma de chegar até os(as) jovens das comunidades, dos contatos com a assessoria... A Pastoral da Juventude e a CAJU se organizaram para divulgar a escola, o CEBI de Goiás foi ajudando a conseguir a assessoria para as etapas. Os (as) jovens atenderam com alegria o convite, foram 50 jovens vindos das várias cidades de Goiás, Distrito Federal e do Tocantins, estados que fazem parte do regional Centro-Oeste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Em dezembro de 1995, na CAJU, dava-se início à primeira Escola Bíblica para Jovens do regional Centro-Oeste. Era tempo de advento,



todos(as) traziam em si muita esperança e desejos bons para a experiência nova que brotava ali. E mal sabíamos nós que esta primeira experiência já nascia grávida de tantas outras que os(as) jovens iriam parir depois em vários lugares deste imenso país.

6. Os objetivos da Escola Bíblica para Jovens

Bem, mas onde queremos mesmo que esta Escola Bíblica para jovens chegue? O que ela deve fazer com os/as jovens? Quais são mesmos os seus objetivos?

A Escola Bíblica para Jovens nasce com o desejo de ser *um espaço de experiência com a Palavra, Palavra que brota da vida*, portanto, tem que ser lida a partir da realidade dos(as) jovens, considerando de onde vem, o que fazem, quais são os seus medos, seus sonhos... Um lugar que possibilite o aprofundar no estudo da Bíblia de maneira séria e agradável, que favoreça o amadurecimento na fé e desperte-os para o compromisso com a vida. E que a juventude possa se capacitar para serem assessores(as) de Bíblia.

Desta reflexão conjunta surgem os objetivos que estão descritos no projeto:

- Formar jovens assessores(as) no conhecimento bíblico para que possam traduzir na vida a experiência dos valores cristãos que brotam da vivência da Palavra de Deus.
- Fazer uma leitura bíblica na ótica dos(as) jovens.
- Investir na formação sistemática de jovens no campo bíblico.

7. O programa da Escola Bíblica para Jovens

A preocupação do grupo que estava na elaboração da proposta era: Como pensar um programa que tivesse todo o conteúdo necessário para uma boa visão e formação bíblica com jovens que estudam, trabalham, fazem os trabalhos na comunidade, vira e mexe, tem que se mudar para outro lugar seja em busca de trabalho ou para estudar? Se fosse algo muito longo se teria problema por causa da rotatividade inevitável dos(as) jovens.

Partindo desta constatação, decidiu-se elaborar um programa dividido em dois grandes módulos, nos quais teriam os conteúdos do Primeiro (antigo) e Segundo (novo) Testamento. Ou seja, isso significa que cada Testamento seria uma Escola. E as vagas surgidas com as eventuais desistências seriam preenchidas por outros/as jovens, a cada início de nova escola.

Todos/as de acordo, o Walderes Brito, que tem uma experiência acumulada de trabalho bíblico no CEBI e na PJ elaborou o programa de conteúdos para os dois módulos:¹

Módulo 1 - Antigo Testamento

Etapa "0" Metodologia e visão global da história de Israel (AT)	1ª etapa Formação do Povo de Deus	2ª etapa Vivência no sistema tribal	3ª etapa Monarquia - Reino unido	4ª etapa Profetismo	5ª etapa Exílio	6ª etapa Pós-exílio
	1800-1200 a.C.	1200-1000 a.C.	1000-930 a.C.	1000-592 a.C.	592-538 a.C.	538 - 65 a.C.

Módulo 2 - Novo Testamento

Etapa "0" Metodologia e visão global da história de Israel (NT)	1ª etapa Jesus histórico: Movimentos da Palestina, sob Roma	2ª etapa Paulo e as primeiras comunidades cristãs	3ª etapa Marcos e Mateus	4ª etapa Lucas e Atos dos Apóstolos	5ª etapa Evangelho e cartas de João	6ª etapa Apocalipse de João
	65 a.C. - 30 d.C.	30 - 50 d.C.	60 - 85 d.C.	80 - 90 d.C.	90-100 d.C.	90-100 d.C.

A definição das etapas partiram de experiências realizadas pelo CEBI, que ao longo de sua caminhada na realização de escolas bíblicas foi organizando o conteúdo do Primeiro Testamento a partir da cronologia do surgimento da literatura bíblica do Povo de Israel. Mas

1. BRITO, Walderes (org). Escolas Bíblicas para Jovens, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2001, p. 24.

para o estudo do Segundo Testamento o CEBI deixava o eixo histórico apegava o eixo pedagógico, porém na Escola Bíblica com os(as) Jovens optamos e assumimos o eixo histórico também para o Segundo Testamento.

8. O jeito de fazer a escola

Para garantir um bom aprofundamento em cada etapa, somente o final de semana não seria suficiente diante da quantidade de conteúdos de cada assunto, era preciso pensar algo que motivasse os(as) jovens a continuarem os estudos entre as etapas. Optou-se então por inserir na metodologia da Escola, estudos de aprofundamento e preparação entre as etapas. Esses estudos se dão individualmente e em grupos, que são formados pelos(as) jovens de acordo com a proximidade de moradia. Esses estudos são orientados pelos assessores(as) de cada etapa que elaboram um instrumento para preparação e depois outro, para o aprofundamento da etapa. Nesses instrumentos de estudo são colocados alguns textos bíblicos ou extra-bíblicos referentes a etapa em estudo.

O instrumento para a preparação das etapas são enviados com um mês de antecedência para os participantes, já o de aprofundamento é entregue para eles no final da etapa. Do instrumento de aprofundamento, os(as) jovens estudam individualmente, depois se encontram em grupo para partilha e ampliação e depois cada um(a) elabora um texto com as descobertas e/ou dúvidas que surgiram durante o estudo e enviam para a coordenação da escola, que lê todos os textos e fazem as observações necessárias. Tem sido muito bom o efeito deste recurso pedagógico para o acompanhamento do desenvolvimento dos(as) jovens durante a escola. Além disso, tem contribuído para que os(as) jovens criem hábito de escrever, de organizar as idéias, de elaborar textos a partir de suas próprias leituras e entendimento sobre a Bíblia.

98

Durante a etapa faz parte da metodologia da escola o estudo e oração da Palavra individual e em grupo. O assessor ou assessora, tem o papel de facilitar a aproximação com o conteúdo. O contato com os(as) mesmos(as) é feito com bastante tempo de antecedência para que possam preparar bem o conteúdo.

A coordenação neste projeto tem um papel fundamental. Pois é ela que garante a metodologia da escola, o acompanhamento ao grupo, o elo entre uma etapa e outra e entre o grupo e a assessoria.

9. A repercussão desta experiência

Muitas outras escolas foram geradas a partir desta primeira experiência da CAJU em Goiânia. Em Porto Nacional, no Tocantins, norte do país, em agosto de 1996, iniciou uma escola bíblica para jovens. A iniciativa foi das Irmãs Dominicanas de Monteis, que desejando uma formação bíblica para suas jovens noviças, optaram por fazer uma escola bíblica e como as noviças não eram um grande número, decidiram então fazer uma escola que fosse aberta à juventude das comunidades. E numa parceria com a PJ, a CAJU e o CEBI de Tocantins e a Diocese de Porto Nacional, implantaram o projeto que está no sexto ano de realização. A Escola acontece no colégio das Irmãs e acolhe jovens de várias cidades do estado.

O desejo de que este projeto pudesse alcançar mais jovens foi crescendo também no coração de 12 jovens que fizeram a 1ª e 2ª Escola Bíblica para Jovens na CAJU, nos anos de 96 e 97. Antes mesmo de terminarem os dois módulos, estes jovens se organizaram em Brasília/DF para criar mais uma escola, pois era grande o número de jovens daquela região que desejavam fazer uma formação bíblica, mas que não podiam ir todos(as) para Goiânia. Os jovens de Brasília, ao contrário da escola do Tocantins não contaram com o apoio da organização da igreja local, nem de congregações religiosas. Eles(as) mesmos(as) com muita coragem e convicção, planejaram e organizaram tudo, conseguiram um lugar mais barato para fazer a escola que ainda hoje acontece nesse mesmo local o Acampamento de Jovens Adventistas.

Os(as) jovens cuidam de tudo, são nos carros que alguns tem que é levado todo o material que é usado na escola (desde os pratos e talheres para a refeição, até a cruz para ser colocada na sala, que na verdade é um quarto que eles transformam em capela para fazerem as orações). As taxas que os(as) jovens pagam ajudam para comprar a alimentação, contribuir com os gastos, com a assessoria e pagar o

aluguel da casa. O projeto hoje também é coordenado por outros(as) jovens que foram fazendo a escola. Já estão na realização da 4ª escola em parceria com a CAJU, PJ e CEBI.

Outra escola brotou também no interior do estado de Goiás, na cidade de Pontalina, em 1998. Duas jovens Miriam Fábria Alves e Leila Regina Do Reis e o jovem Lidivino Garcia que fizeram escola também em Goiânia na CAJU, de 96 e 97, começaram a sonhar uma escola na sua cidade, para que outros/as jovens pudessem ter acesso mais fácil à formação bíblica. A maioria dos/as jovens de Pontalina, tem que sair da cidade para estudar fora, sair também para estudar bíblia seria muito difícil tanto pela distância, como pela questão financeira. Os(as) jovens de Brasília com sua experiência os animaram. E numa parceria entre PJ, famílias da comunidade dos Padres Franciscanos fizeram realizar a Escola Bíblica para jovens e adultos animadores/as das comunidades.

Em Goiânia, na CAJU, este ano está acontecendo a 7ª Escola Bíblica para Jovens.

10. Os frutos produzidos

Esta experiência realizada no regional Centro-Oeste (Goiás, Tocantins e Distrito Federal), está completando em dezembro próximo sete anos. São sete anos de muito trabalho, desafios, alegrias e muitos frutos. Mais de 250 jovens já passaram pelas escolas, fazendo dois módulos completos.

Estes sete anos de experiência, tem ajudado a perceber que as Escolas bíblicas para Jovens nos vários lugares que estão sendo realizadas, tem dado muitos frutos: o primeiro que destacamos é a maneira como os(as) jovens que passam pelas escolas encaram os trabalhos nas comunidades com muito mais segurança por causa do conhecimento bíblico. Os(as) jovens tem assumido diversas atividades nas comunidades: a animação das semanas bíblicas que é muito comum acontecer nas comunidades no Brasil, a assessoria em cursos sobre Bíblia, ajudam a fazer reflexões e celebrações nos grupos e comunidades, contribuição nas elaborações para teatros quando tem conteúdos bíblicos...

As Escolas Bíblicas tem sido também um espaço de ajudar os(as) jovens a refletir sobre seu Projeto de Vida e assim fazer opção vocacional. Um exemplo é o Cleuton Freitas Ripol, um jovem de 25 anos, que fez a experiência da Escola Bíblica na CAJU em Goiânia, em 98 e 99 e diz que as reflexões e estudos feitos na Escola Bíblica, foram fundamentais para ajudá-lo a perceber o seu papel na sociedade e a definir como a partir da formação que estava fazendo na universidade (o curso de direito) fazer uma atuação a serviço da vida. Hoje ele é advogado, trabalha na Comissão Pastoral da Terra (CPT) que trabalha na organização dos(as) camponeses(as) para a luta pela Reforma Agrária e permanência na terra e é colaborador para assuntos jurídicos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em Goiás e ainda faz parte da Rede Nacional de Advogados(as) Populares, que presta serviço a grupos e entidades que lidam com as questões dos Direitos Humanos. Neste mesmo caminho vão muitos outros e outras jovens que foram neste processo *tomando consciência da sua missão seja diretamente na igreja ou fora dela.*

Outro fruto é a quantidade de jovens que foram se deixando encantar pela Palavra e tem assumido o desafio do Ministério da Assessoria em Bíblia também nas escolas. Os primeiros corajosos foram os(as) jovens: Fabiano Romes, Ronny Alves e Francisca Beleza que ao passarem pela Escola na CAJU de 95 a 97, se apaixonaram pelo estudo sobre Paulo e as Primeiras Comunidades e começaram a estudar mais sobre o assunto e hoje assumem assessoria nas escolas bíblicas para jovens e são convidados/as também para assessoria a outras escolas de formação bíblica realizadas pelo CEBI. São mais de 15 jovens que formam um grupo de assessores(as) que hoje fazem assessoria nas Escolas Bíblicas sobre os vários assuntos do programa que a escola tem. Isto é a realização de um dos objetivos das escolas bíblicas para jovens, que *é formar jovens assessores de bíblia.*

É fruto gostoso também as várias escolas que tem surgido em outras regiões do país (São Paulo, Mato Grosso do Sul, Bahia, Minas Gerais)... Alguns jovens dessas regiões fizeram a experiência na Escola realizada em Goiânia e levaram a proposta para suas regiões. Outras surgiram a partir de pessoas que procuraram a equipe da CAJU para saber sobre o projeto da escola ou ainda que convidaram a equipe para que fosse até a região para contar como funciona o projeto.

E não poderia deixar de enfatizar como fruto também a rede que vai sendo construída na realização deste projeto nas várias regiões onde ele acontece. É grande o número das congregações e grupos que tem acreditado e apoiado este projeto. As dioceses, o CEBI, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), a Pastoral da Juventude do Brasil, a Conferência dos Religiosos/as - CRB regionais...

Também consideramos um importante fruto o livro “*7 olhares sobre as Escolas Bíblicas para Jovens*”, um subsídio que teve sua primeira edição publicada em dezembro de 1999. O mesmo foi elaborado por pessoas que fazem parte do Projeto das Escolas Bíblicas para Jovens no Regional Centro-Oeste. Com o projeto em desenvolvimento há mais de quatro anos, as notícias dele iam se espalhando e muita gente queria saber o que era e como funcionava este projeto. O livro é um esforço coletivo, feito em mutirão, como a Bíblia, para contar toda a experiência, desde as repercussões, a metodologia usada, o programa, o lúdico nas escolas, as parcerias, a mística e as sugestões de roteiro para o conteúdo de cada etapa do Primeiro e do Segundo Testamento.

É um subsídio que deseja também ser uma referência para quem deseja desenvolver a formação bíblica para jovens, seja na modalidade de escolas ou não.

No início de 2001, o Setor Juventude da CNBB solicitou o direito para reeditar o livro “*7 olhares sobre as Escolas Bíblicas para Jovens*”. O direito foi concedido e o livro teve a sua 2ª edição, agora com o nome “*Escolas Bíblicas para Jovens*” que passou a fazer parte da coleção de subsídios “*Como fazer Pastoral da Juventude do Brasil*”.

11. As fragilidades e desafios

102

É claro que nem tudo é maravilha. Neste projeto também há muitas dificuldades. Entre elas a questão financeira é a que mais cria impasses. A questão econômica no Brasil não é nada fácil e quando se trata da juventude então é pior, pois a maioria quando não sofre com o desemprego, trabalham, mas ganha tão pouco, que mal dá para ajudar ou, em muitos casos, fazer toda a sustentação da renda

familiar e ainda pagar os estudos. Muitos ainda trabalham fazendo serviços extras, o que significa, que um dia trabalha e recebe; outro dia não.

Por tudo isso, constatamos que realizar um projeto desse nível e extensão, acaba sendo dispendioso. Tem comunidades que contribuem com a formação de seus agentes pastorais, mas muitas não fazem isso, principalmente quando se trata da juventude e aí o(a) jovem que quer ter uma formação melhor para ajudar nos trabalhos que fazem nas comunidades, paróquias, dioceses, acabam eles(as) mesmos se organizando para pagar pela formação. O que faz com que muitos(as) acabem desistindo no meio do caminho.

Manter a Escola em funcionamento é sempre desafiador por causa da questão financeira. É um projeto com duração de dois anos. Isso torna mais exigente o seu funcionamento. Aumentando muito os seus custos. Somente com as tachas que os jovens contribuem, poucas vezes, são suficiente para cobrir todos os gastos. Isso vai causando um certo desgaste na equipe que coordena o projeto.

Nestes sete anos de experiência algumas coisas permanecem como desafios:

- a maior contribuição e envolvimento das comunidades para ajudarem os(as) jovens a fazerem sua formação;
- uma maior divulgação do projeto junto aos jovens de outras igrejas cristãs;
- maior abertura dos espaços que as igrejas tem para acolherem o projeto com valores mais acessíveis.

12. E a palavra se faz jovem e se espalha no meio de nós

Na história da Igreja a Bíblia foi ficando tão “sagrada” que ao invés do povo ir se aproximando dela, ele foi obrigado a se afastar, pois só podia se aproximar os “entendidos” de teologia, ou seja, os entendidos do lugar e do como Deus se revela. Daí a Bíblia que é a história da vida de um povo que faz experiência com Deus, ficou

sobre o poder dos que faziam parte da Hierarquia das Igrejas, os homens padres ou pastores. Com isso outros homens, mulheres, jovens, crianças estavam excluídos(as) do poder de conhecer a Bíblia.

A Bíblia é uma realidade teológica. Ser realidade teológica significa ser lugar onde Deus se revela. Deus se revela na vida daquele povo da Bíblia e foi ao longo da história se revelando na vida dos vários povos. *A realidade dos povos é o lugar onde Deus se revela.* Ou seja, onde Deus se apresenta, fala, clama, chama, escuta, toca, ama, sente, se faz presente, se faz Vida.

“*O Jovem é Uma Realidade Teológica*”, escutei esta afirmação do Pe. Hilário Dick, que é um dos patriarcas da Pastoral da Juventude do Brasil. Ele há tempos vem desenvolvendo estudo na área da Teologia e Juventude. Além de admirá-lo, comungo plenamente com esta afirmação que ilumina muito esta nossa conversa sobre os(as) jovens e a Bíblia. Para nós que amamos e acreditamos nos (as) jovens, reconhecê-los(as) como realidade teológica, como lugar onde Deus se revela é muito importante e mais ainda é deixá-los(as) dizer e expressar como isso acontece.

Tem sido grande o desafio de fazer a Bíblia voltar para as mãos do povo. No Brasil já faz tempo que estamos num movimento grande e bem sucedido de fazer isso acontecer. E as Escolas Bíblicas para Jovens tem engrossado este movimento fazendo com que os(as) jovens resgatem o direito que tem de como jovens fazerem a leitura a Bíblia, construindo um jeito do(a) jovem ler a Bíblia e de fazer teologia.

Esta não é a única experiência de Formação Bíblica para Jovens no Brasil, existem muitas outras espalhadas pelo país. Cada uma sendo trabalhada e organizada a partir da sua realidade. Porém partilhamos esta experiência como uma forma de torná-la conhecida e motivar para a continuidade e investimento em projetos que garantam uma boa formação bíblica para os(as) jovens.

E para concluir esta partilha sobre a experiência que estamos desenvolvendo com os jovens e a Bíblia, faço memória de um “credo” que a companheira Mercedes de Budallés escreveu. É uma oração que brotou a partir da experiência das assessorias que ela fez às

escola bíblicas para jovens. Nesse credo de Mercedes, nós reafirmamos também o nosso crer na capacidade dos(as) jovens de fazer uma nova hermenêutica da Bíblia.

13. Por que escolas bíblicas para jovens?²

Porque:

- **Acreditamos** no(a) jovem sujeito da leitura bíblica. Acreditamos no(a) jovem como pessoa e como grupo. Acreditamos no “novo”.

“Um ramo sairá do tronco de Jessé, um broto nascerá de suas raízes. Sobre ele posará o espírito de Javé: espírito de sabedoria e inteligência, espírito de conselho e fortaleza, espírito de conhecimento e temor de Javé” (Is 11,1-2).

- **Acreditamos** nos desejos de liberdade e no processo de libertação dos(as) jovens, saindo de uma fase de dependência para adquirir sua própria identidade.

“Se Javé se afeiçoou a vocês e os escolheu... foi por amor a vocês e para manter a promessa que ele jurou aos seus pais. É por isso que Javé os tirou com mão forte e os resgatou de casa da escravidão, da mão do Faraó, rei do Egito” (Dt 7,7-8).

- **Acreditamos** na capacidade dos(as) jovens de fazerem ALIANÇA, de fazerem um trato de amizade com Deus e com os “colegas”. Acreditamos na sua fidelidade ao Deus amigo (Sb 11,26) e aos amigos.

“Javé nosso Deus fez uma aliança conosco no Horeb. Javé não fez essa aliança com os nossos antepassados, mas conosco, que hoje estamos aqui, todos vivos” (Dt 5,2-3).

2. BRITO, Walderes (org). Escolas Bíblicas para Jovens, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2001, p. 59.

- **Acreditamos** na força do momento afetivo da juventude, na sua amizade gratuita, na sua solidariedade.

“Vão e anunciem: O Reino do céu está próximo. Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça, dêem também de graça” (Mt 10,7-8).

- **Acreditamos** na sua capacidade de organização, no seu desejo de ser grupo.

“Escolhe, entre o povo, homens capazes e tementes a Deus, que sejam seguros e inimigos do suborno: estabeleça-os chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Eles administrarão regularmente a justiça para o povo: os assuntos graves, eles trarão a você; os assuntos simples, eles próprio resolverão” (Ex 18,21-22).

- **Acreditamos** na alegria, na festa, na partilha dos(as) jovens.

“Jovem, alegre-se na sua juventude e seja feliz nos dias da mocidade. Siga os impulsos do seu coração e os desejos dos olhos. Contudo saiba que Deus vai pedir contas a você de todas as coisas. Expulse a melancolia do seu coração e afaste do seu corpo a dor, porque a juventude e os cabelos negros são fugazes” (Ecl 11,9-10).

- **Acreditamos** nas mulheres jovens, que assumem com responsabilidade e liderança seu lugar na comunidade.

“A profetisa Maria, irmã de Aarão, pegou um tamborim, e todas as mulheres a seguiram, formando coros de dança. E Maria entoava: ‘Cantem a Javé, pois sua vitória é sublime: ele atirou no mar carros e cavalos” (Ex 15,20).